

RESENHA

AS CLASSES MÉDIAS BRASILEIRAS E O ESPELHO DE JESSÉ SOUZA

Marcos Abraão Ribeiro¹

Resumo: Esta resenha analisa o livro *A classe média no espelho*, do sociólogo Jessé Souza, cujo objetivo é construir uma explicação sistemática sobre a gênese e a organização contemporânea da classe média brasileira e de suas frações, através da junção entre a construção teórica realizada pelo autor e as entrevistas elencadas no livro. A partir da exposição dos elementos principais do trabalho, argumento que o retrato da classe média formulado por Jessé Souza é baseado em uma perspectiva indutivista insuficiente para analisar a realidade social a partir dos tipos ideais elaborados, que pode ser visualizada através do caráter fragmentário, superficial e frágil do material empírico presente no trabalho. O livro resenhado, portanto, não possui condições para a apresentação de um entendimento satisfatório do surgimento da classe média, de sua configuração contemporânea, de suas ações e orientações políticas.

Palavras chave: classe média; Jessé Souza; indutivismo sociológico, orientações políticas

Recebido em: 04/07/2019

Aceito em: 25/03/2020

¹ Doutor em Sociologia Política pelo PPGSP-UENF e professor e pesquisador do Instituto Federal Fluminense (IFF) Campos campus Centro. E-mail: olamarcos@yahoo.com.br Gostaria de agradecer as leituras, bem como as sugestões e críticas realizadas por Ricardo Visser, Marcos Giusti, Carlos Eduardo Santos Pinho e pelo parecerista anônimo de Teoria & Pesquisa, pois foram fundamentais para aprimorar esta resenha. Contudo, é importante ressaltar que os argumentos apresentados são de minha inteira responsabilidade.

THE BRAZILIAN MIDDLE CLASSES AND THE MIRROR OF JESSÉ SOUZA

Abstract: This review analyzes the book "The middle class in the mirror", by the sociologist Jessé Souza, whose objective is to build a systematic explanation about the genesis and contemporary organization of the Brazilian middle class and its fractions, through the intersection between the theoretical construction carried out by the author and the interviews listed in the book. From the clarification of the main elements of the work, I argue that the portrait of the middle class formulated by Jessé Souza is based on an insufficient inductivist perspective to analyze the social reality from the ideal types elaborated, which can be visualized through the fragmentary, superficial and fragile character of the empirical material present in the work. The reviewed book, therefore, does not have the conditions to present a satisfactory understanding of the emergence of the middle class and its contemporary configuration and its actions and political orientations.

Keywords: middle class; Jessé Souza; sociological inductivism, political orientations

O estudo sobre a classe média no Brasil ganhou grande impulso na última década, em decorrência do trabalho do economista Marcelo Neri (2008), que defendeu que constituímos uma *nova classe média*. A partir desta tese, surgiram trabalhos de importantes intelectuais brasileiros, como Marcio Pochmann (2008), Celi Scalon (2012) e Jessé Souza (2010), que tiveram como objetivo negar a existência da propalada *nova classe média*. O que os estudos apontaram, cada qual a seu modo, é que as políticas de acesso ao consumo, levadas a cabo pelo Partido dos Trabalhadores (PT), geraram uma classe trabalhadora precarizada e, conseqüentemente, muito distante da tradicional classe média.

Jessé Souza (2010) definiu essa classe trabalhadora precarizada como *batalhadores*, que seria resultante das mudanças trazidas pelo capitalismo financeiro. Além de conceituar a nova classe social surgida durante os governos do PT, Souza também coordenou uma pesquisa de campo² que tinha como objetivo sustentar que os *batalhadores* estavam bem distantes da tradicional classe média.

Se a crítica à *nova classe média* havia sido feita de forma consistente, faltava, contudo, uma análise histórica e empírica sobre a classe média brasileira. Em *A elite do atraso*, Jessé Souza constrói uma formulação teórica sobre a estrutura de classes no Brasil contemporâneo, fruto da síntese dos trabalhos teóricos e empíricos formulados desde *A modernização seletiva*³ (2000). Segundo Souza, a sociedade brasileira seria estratificada pelas seguintes classes sociais: a *elite dos proprietários*, a *classe média e suas frações*, a *classe trabalhadora semiqualficada* e a *ralé de novos escravos* (Souza, 2017:107).

O sociólogo analisa a elite para defender que, no Brasil, ela age como um *vetor do atraso*, ou seja, voltada para a rapina e, conseqüentemente, para abortar qualquer projeto de desenvolvimento para o país. Nos trabalhos anteriores, o sociólogo já havia estudado a *ralé de novos escravos* e os *batalhadores*. Faltava, contudo, investigar a classe média e suas frações. É este o desafio que Jessé Souza enfrenta no livro resenhado.

Em *A classe média no espelho*, Souza tem como objetivos realizar uma sociogênese da classe média brasileira e apresentar um retrato sistemático de sua configuração contemporânea. Com isso, o sociólogo utiliza o seu trabalho como instrumento para a produção de uma ciência social qualificada que, por sua vez, seria capaz de emancipar a classe média envolta pelas ideias dominantes, responsáveis, segundo Souza, por distorcer sistematicamente a realidade. O livro

² Jessé Souza (2010) coordenou uma de pesquisa teórica e empírica de caráter qualitativo sobre os *batalhadores* que teve foco, em várias regiões do Brasil, trabalhadores do telemarketing, feirantes, empreendedores rurais, além de abordar temas como a configuração familiar dos *batalhadores* e a relação destes com temas como o racismo e o pentecotalismo. Sobre a nova classe trabalhadora precarizada, Souza (2010:56) argumenta: "A unidade no meio de uma extraordinária diversidade parece residir no fato de que lidamos com uma espécie de nova classe trabalhadora em formação, a qual é típica da recente dominância do capitalismo financeiro na economia, na cultura e na política."

³ Os trabalhos centrais para a discussão apresentada no livro resenhado são *A modernização seletiva* (2000), *A construção social da subcidadania* (2006), *A ralé brasileira* (2009) e *Os batalhadores brasileiros* (2010), cujas questões centrais estão presentes em *A elite do atraso*, na qual Souza expõe sua proposição teórica sobre a estrutura de classes brasileira.

resenhado é estruturado, portanto, por dois eixos entrelaçados: o acadêmico e o político, que perpassarão, reiteradamente, os capítulos que compõem a obra.

Jessé Souza aplica no livro a construção teórica sobre as frações da classe média brasileira apresentada em *A elite do atraso*. A classe média é estratificada da seguinte forma: a *fração protofascista*, a *fração liberal*, a *fração expressivista*, chamada por Souza de *classe média de Oslo*, e a *fração crítica*, a menor de todas (Souza, 2017:174). Souza defende que a classe média real representa, aproximadamente, 20% da população brasileira. A divisão realizada pelo sociólogo é formulada como tipos ideais que, por sua vez, são baseados nos respectivos posicionamentos políticos que seriam os elementos definidores da conduta das frações da classe média brasileira. No livro resenhado, Souza procura sustentar a existência dessas frações e das distintas concepções de mundo por intermédio das entrevistas realizadas por ele.

De acordo com Souza (2018:20), as tipologias construídas por ele estão respaldadas por mais de 200 entrevistas em profundidade, que foram realizadas pelo projeto *Radiografia da Sociedade Brasileira*, quando o autor era presidente do IPEA (Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada), e também por dezenas de entrevistas que o próprio sociólogo havia realizado entre os anos de 2016 e 2018⁴. Não existem, contudo, informações precisas sobre o tamanho e as características do material empírico utilizado por Souza.

Para alcançar seus objetivos, Souza divide o livro em três partes. Na primeira, o sociólogo enfoca a gênese do indivíduo moderno e da classe média, em particular, para sustentar o caráter singular dessa classe social e focar a relação entre aprendizado moral e justificação de privilégios. Souza constrói as bases para apresentar os elementos próprios da classe média e, da mesma forma, sustentar que esta classe, no Brasil, nunca teve um efetivo aprendizado coletivo que, por sua vez, seria proporcionado por seu próprio trabalho. O sociólogo apresenta, portanto, a teorização que dará base ao seu argumento central, de que o grande dilema enfrentado pela classe média e suas frações é a dominação simbólica. Na segunda parte, o sociólogo constrói uma explicação para a gênese da classe média brasileira, através da ênfase na herança escravista, no domínio da elite de proprietários, na contraposição entre os projetos nacionais, inclusivo e excludente, respectivamente, e, o mais importante, no papel decisivo da classe média como fiel da balança nos momentos em que esses dois projetos estão em disputa, como no golpe de 2016. Ou seja, a ênfase recai sobre o papel central dessa classe para a vida política nacional. Na terceira parte, Souza traz onze entrevistas com indivíduos que representam os tipos ideais das frações da classe média, que dariam condições para o sociólogo sustentar sua teorização e, ao mesmo tempo, defender o caráter decisivo das ideias e do seu trabalho, em particular. Apresentarei os elementos centrais das três partes supracitadas e, ao final, farei algumas considerações críticas sobre o livro resenhado.

⁴ Sobre a pesquisa que deu origem às tipologias sobre as frações da classe média brasileira, Souza (2017:172-3) argumenta: “Em estudo que ainda estamos realizando, combinando material empírico produzido no IPEA – em pesquisa que idealizei e coordenei pessoalmente, quando presidente desta entidade de pesquisa, acrescida de entrevistas que realizei por conta própria em várias grandes cidades brasileiras –, podemos, como hipótese de trabalho, diferenciar quatro nichos ou frações de classe na classe média. As questões centrais que permitiriam essa reconstrução foram precisamente a noção de moralidade mais ou menos abrangente e mais ou menos refletida, e a forma como percebe as outras classes sociais.”

Na primeira parte, Jessé Souza repete o diálogo com o filósofo canadense Charles Taylor⁵ para reforçar a singularidade cultural do Ocidente, ou seja, a hierarquia moral subjacente ao capitalismo e, sobretudo, sua materialização no Brasil. Da mesma forma, o autor busca reconstruir a moralidade constitutiva da criação de classes sociais, para enfatizar as classes brasileiras. Com essa perspectiva dialética e global, o sociólogo objetiva apresentar uma interpretação distinta das tradicionais leituras culturalistas do Brasil, que têm como elemento central um encaminhamento essencialista da explicação das ações e posicionamentos dos brasileiros.

Jessé Souza aborda o expressivismo, ou a ética da autenticidade, como a fonte moral que foi responsável por permitir a todos os indivíduos fazerem avaliações sobre si mesmos e, também, acerca do mundo. O enfoque no expressivismo tem uma função estratégica no argumento de Souza, que é defender o caráter ultraconservador do capitalismo financeiro. Este foi responsável por retirar a capacidade crítica dos indivíduos para que possam ter um efetivo aprendizado moral e político, que havia sido proporcionado pelo próprio expressivismo: “Ao transformar a revolução expressivista em mero instrumento de acumulação financeira, o capital retira-lhe todo o sentido e força efetiva” (Souza, 2018:54).

A argumentação presente na primeira parte tem quatro objetivos conectados: apresentar a gênese da classe média; afastar-se das interpretações essencialistas do caso brasileiro; trazer o expressivismo como dimensão central para explicar o caráter ultraconservador do capitalismo financeiro; defender o peso central das ideias morais que, por um lado, auxiliam a sustentar o argumento sobre a força que elas possuem como estruturas de dominação, e, por outro, defender o caráter emancipador do seu próprio trabalho.

Souza (2018) procura sustentar a *verdadeira* singularidade brasileira, que seria um atraso moral e político derivado da não universalização da moralidade para todas as classes. Esta seria a nossa diferença em relação a países centrais como Alemanha e Suécia. Como consequência, o Brasil gerou um processo de marginalização em massa, derivado da escravidão, que teria legado uma pesada herança para a sociedade de classes, cuja perpetuação poderia ser demarcada através da socialização familiar e escolar de classe.

Na segunda parte do trabalho, Souza se detém sobre a explicação da singularidade da classe média brasileira. Nesse sentido, o sociólogo segue os trabalhos anteriores sobre a formação da *ralé* no sistema escravista, bem como a teorização acerca do surgimento da modernidade no Brasil, no início do século XIX. Ao mesmo tempo, o autor reforça o peso estruturalista da escravidão através da generalização de sua herança para a sociedade de classes, pois teria atingido a todas as classes populares, sobretudo a *ralé de novos escravos*, que seria a classe específica da periferia. A esta classe faltariam capacidade de concentração, autocontrole, disciplina, capacidade de pensamento abstrato e pensamento prospectivo (Souza, 2018:93).

Souza enfoca o caráter ultraconservador da burguesia brasileira, que, sempre que existe um governo de caráter popular, não abdica do golpe de Estado como ferramenta para manter

⁵ Jessé Souza repete o diálogo que já havia realizado em obras anteriores como *A construção social da subcidadania* (2006) e *Os batalhadores brasileiros*. O que existe de novo é a utilização do argumento tayloriano para explicar, nas duas partes posteriores do texto, a gênese, a singularidade e os posicionamentos políticos das camadas médias brasileiras.

seus privilégios e a exploração sobre as demais classes sociais. O sociólogo também demarca o caráter singular da classe média, que é ser a detentora do capital cultural, responsável único por explicar a reprodução de seus privilégios. Nesta parte, o autor aborda o significado da revolução de 1930 e o papel central das ideias para a legitimação da dominação social. Para tanto, Souza repete a crítica realizada alhures a obras sobre o papel da Universidade de São Paulo (USP) e do historiador Sérgio Buarque de Holanda para a legitimação do liberalismo conservador, ou, nas palavras de Souza, *liberalismo vira-lata* brasileiro. De forma conjunta, o autor enfatiza o domínio dos interesses da elite e o encobrimento da real corrupção brasileira, que seria levada a cabo pela classe de proprietários.

Além do peso central das ideias, Souza também aborda o caráter complexo da classe média brasileira e o seu papel decisivo na vida política nacional, como no período 1930-1960, pois esta reproduziria o liberalismo *vira-lata* e legitimaria a dominação exercida pela elite de proprietários. O sociólogo expõe dados sobre concentração de renda, meritocracia e desigualdade para sustentar que a sociedade escravista continuava a se reproduzir na sociedade de classes. Com isso, o autor sustenta que constituímos uma singular opressão de classes, pois ainda não tivemos um aprendizado coletivo para que pudéssemos compreender o *verdadeiro* dilema brasileiro. Este seria desvendado, como afirma Souza, pelo seu próprio trabalho. Além do sentido propriamente acadêmico, também há um forte caráter normativo, pois o sociólogo advoga que o seu trabalho, apenas ele, traria as condições para que a massa da classe média pudesse ser emancipada da dominação exercida pela elite de proprietários.

Souza demarca a ausência de projeto pela elite e aponta o caráter do capitalismo financeiro, gerador de desigualdade em escala global, conectado à reprodução de uma perspectiva irracional representada pelo expressivismo, que seria fundamental para a naturalização da desigualdade e da opressão. De forma conjunta, o sociólogo defende que o ex-presidente Fernando Henrique Cardoso foi o grande representante do *liberalismo vira-lata* e da elite no poder, uma vez que as medidas adotadas por seu governo tinham como objetivo levar o Brasil a uma situação similar à República Velha (1889-1930).

O autor volta a focar a identificação da alta classe média com a elite de proprietários e o papel do *liberalismo vira-lata* para a distorção da realidade e, conseqüentemente, para legitimar a dominação simbólica exercida pela elite de proprietários. Essa dominação, iniciada pela USP, teria se desenvolvido em universidades, escolas, na imprensa, na cultura e na indústria cultural, o que demonstrava o caráter profundo da dominação simbólica no Brasil. Souza também defende que a classe média brasileira é singular em relação às congêneres dos países centrais, porque é dominada pelo mito nacional da brasilidade que, por sua vez, impede que a dimensão da dignidade seja universalizada no país. Como a alta classe média está identificada com a elite de proprietários, a massa da classe média seria o vetor da mudança. Seu trabalho daria as condições intelectuais para que houvesse um autoesclarecimento e a retirada do comando do país das mãos da *elite do atraso*. Só desta forma, segundo Souza, haveria possibilidade de futuro para o Brasil.

Na terceira e última parte do livro, Jessé Souza expõe onze entrevistas com indivíduos que representam os tipos ideias da alta classe média e da massa da classe média, formulados pelo sociólogo na primeira parte, para sustentar a teorização apresentada nas duas primeiras partes.

Na alta classe média, o sociólogo entrevistou um CEO de um banco, um gerente de uma cadeia de lojas, um casal de empreendedores, moradores da Zonal Sul do Rio de Janeiro, e um gerente de fazenda.

Depois de apresentar as entrevistas, o sociólogo analisou o material coletado. Souza reafirma os elementos presentes nas duas primeiras partes do livro, como a identificação desta fração de classe com o capitalismo financeiro, a depreciação do trabalhador e a identificação da alta classe média com os interesses do capital e da classe de proprietários. O sociólogo afirma que Banco Central, mídia e Judiciário defendem apenas os interesses dos proprietários. A *classe média de Oslo*, concebida pelo casal de empreendedores, por sua vez, reproduziria o politicamente correto, que representava, na verdade, um fator altamente conservador, pois essa fração de classe teria uma agenda escandinava em um país que possui uma profunda desigualdade social (Souza, 2018). O elemento central das entrevistas é o posicionamento político e ideológico dos entrevistados, pois as opiniões sobre o PT e seu projeto *inclusivo* são presenças marcantes.

Após apresentar as entrevistas com a alta classe média e analisá-las, Souza expõe seis entrevistas com membros da massa da classe média para sustentar a tipologia sobre as frações de classe elaboradas por ele. Nesta seção, o sociólogo apresenta as histórias de um corretor imobiliário que virou motorista de carros de luxo; de um funcionário de um grupo publicitário espanhol que possui um escritório no Rio de Janeiro; de um engenheiro que virou motorista de Uber; de uma aposentada que foi às ruas e se arrependeu do posicionamento contrário ao PT, por conta da frustração com o governo pós-impeachment, por causa dos escândalos e dos cortes na educação relatados por seu filho; também é apresentado o caso de uma moça que tem origem pobre, mas que possui uma postura de esquerda, de luta contra o racismo e a desigualdade de gênero. Por último, Souza traz o caso de um rapaz que nasceu em uma família de classe média, mas que passou por diversas privações durante sua trajetória até cursar mestrado em Pedagogia na USP. Os dois últimos casos demonstrariam a possibilidade de constituição de um posicionamento crítico na massa da classe média, bem como demarcam o peso estruturalista da socialização familiar para as condutas posteriores dos indivíduos.

Souza afirma que a massa da classe média possui um caráter diversificado quando comparada à alta classe média, uma vez que as visões de mundo seriam mais variadas, multifacetadas e polarizadas. Essa situação ocorre pela ação da imprensa, considerada venal por Souza, pois encobriria as forças de mercado que comandam a sociedade. Outro elemento importante presente na massa da classe média é o medo da proletarização, que faz com que haja a criminalização da esquerda e, conjuntamente, permitiu a ascensão do bolsonarismo. Nessa parte da massa da classe média, também ocorreria o moralismo radical. Souza afirma que a ausência de um contradiscurso foi o elemento decisivo para o domínio do *liberalismo vira-lata* e da elite conservadora (Souza, 2018:255).

Jessé Souza conclui o seu trabalho argumentando que reconstruiu a moralidade em geral e da classe média brasileira, em particular, para erigir uma interpretação sem essencialismo. Souza defende que o elemento que singulariza a classe média brasileira é o seu papel de suporte social mais importante do *mito vira-lata*, que restringe a corrupção à política (Souza, 2018:260).

Souza também defende que o capitalismo financeiro destruiu o potencial de aprendizado individual e coletivo dos indivíduos. O domínio do capitalismo financeiro seria tamanho que ele engendrou uma ofensiva simbólica responsável por capturar a inteligência e legitimar a concentração de riqueza nas mãos do 1% mais rico da população. O elemento decisivo dessa dominação simbólica está na apresentação do capitalismo financeiro como promotor da liberdade e da realização pessoal (Souza, 2018:260). Conseqüentemente, a vítima passa a ser interpretada como culpada pelo próprio fracasso, pois as estruturas de dominação e exploração ficam encobertas, ou, nas palavras de Souza, a opressão torna-se invisível.

O livro resenhado tem o mérito de propor uma ambiciosa reconstrução teórica e empírica da classe média brasileira e de suas frações. O livro também tem relevância no sentido da geopolítica do conhecimento, pois se propõe a apresentar uma teorização geral sobre a classe média, ou seja, de produzir teoria sociológica a partir da periferia. O trabalho também possui grande importância do ponto de vista político, pois tem como horizonte normativo a constituição de uma sociedade democrática, plural e justa. Certamente, esses elementos fazem com que o trabalho de Jessé Souza tenha lugar entre as mais importantes interpretações que procuram desvendar a classe média brasileira.

No entanto, o livro resenhado possui uma série de problemas que terminam limitando, e muito, sua contribuição intelectual para a compreensão consistente das camadas médias brasileiras. O primeiro ponto importante a ser destacado é a ausência de diálogo com a vasta literatura brasileira que estuda o fenômeno entre nós⁶. Outro elemento de fraqueza do trabalho é a ausência de dados quantitativos do IBGE ou da PNAD, por exemplo, para a apresentação de um quadro geral das frações de classe criadas pelo sociólogo. Também inexistente uma análise histórica sistemática sobre as origens da classe média, sua reprodução e atuação política no tempo. O que existe, de fato, é a apresentação de fatos fragmentados que pouco auxiliam a compreender a complexidade, a pluralidade e a reprodução da classe média e suas frações.

A ênfase na dimensão cultural do capitalismo também auxilia a constituição de uma perspectiva frágil, pois inexistente caracterização consistente dos efeitos do capitalismo sobre as classes sociais. A classe média, por exemplo, é individualizada pela posse do capital cultural, que, se é um avanço em relação à caracterização das classes sociais apenas pela renda, ignora, por exemplo, o lugar na estrutura social constituída através da divisão do trabalho. Precisamente, a caracterização de Jessé Souza torna-se inconsistente porque desconsidera as posições de classe resultantes dos processos econômicos de produção, da circulação de riquezas, dos bens culturais, dos serviços públicos, do poder e do prestígio social, como fazem, por exemplo, Cardoso e Prêteceille (2017).

A ênfase na estrutura ocupacional seria um caminho importante para Souza construir uma proposição complexa e consistente sobre a organização das classes médias nacionais, pois permite demarcar como esta possui o papel de principal componente causal das oportunidades

⁶ Como exemplos da literatura ignorada por Souza, temos os trabalhos de Albuquerque (1977), Bonelli (1989), Salata (2016), Scalon (2012), Cardoso e Prêteceille (2017). O diálogo com os estudos já realizados poderia auxiliar o trabalho de Souza a ter maior sustentação empírica.

de vida das classes que se reproduzem pelo trabalho (Cardoso e Prêteceille, 2017:979), como são os casos das frações de classe analisadas por Souza. A ocupação, portanto, continua a ser uma dimensão central da vida de homens e mulheres que vivem através do trabalho (Cardoso e Prêteceille, 2017: 988). Apesar de mencionar a ocupação das frações de classe que ele formula para caracterizar o caso brasileiro, a dimensão central para Souza está no posicionamento político dos seus entrevistados. Assim, a proposição sociocultural da classe média e de suas frações teria elementos para uma caracterização mais consistente, pois não se circunscreveria à posse do capital cultural e aos posicionamentos políticos.

Através da ênfase nas ocupações, Souza poderia incorporar dados quantitativos que trariam um retrato mais sólido das frações da classe média no Brasil, ou seja, auxiliaria a dar maior sustentação empírica à caracterização dos tipos ideias proposta pelo sociólogo. Ao mesmo tempo, proporcionaria condições para análises comparadas com países periféricos e centrais. Desta forma, traria um dimensionamento mais consistente do tamanho e composição das frações da classe média brasileira⁷. Ao mesmo tempo, a afirmação de que o elemento que singulariza a classe média brasileira é o mito da brasilidade quando comparada às congêneres dos países centrais carece de sustentação empírica, pois inexistente qualquer dado que sustente a comparação. Apesar de propor uma teorização de alcance global, a caracterização de Souza termina reproduzindo o nacionalismo metodológico que é elemento central das interpretações culturalistas criticadas com veemência pelo sociólogo, pois delimita o tema da classe média às fronteiras do Estado nacional (Maciel, 2013).

Dividir as frações de classe apenas pelo posicionamento político deixa a interpretação marcada por uma importante fragilidade, pois não demonstra como a formulação poderia ser sustentada empiricamente. O sociólogo retira as contradições discursivas presentes nas entrevistas dos indivíduos para reafirmar a força dos tipos ideais das frações da classe média, pois constrói uma definição que traz como suposto a ideia de que os indivíduos possuem pleno controle sobre o seu próprio discurso relativo a questões políticas e sociais. Nesse sentido, essa proposição possui uma contradição insolúvel, pois como é possível os indivíduos distorcerem a realidade se eles possuem uma construção lógica e clara sobre ela? Ao mesmo tempo, as mais de 200 entrevistas que foram utilizadas como base para o livro não são amostras significativas para analisar uma classe que, conforme afirmou o próprio Souza, representaria cerca de 20% da sociedade brasileira. (SOUZA, 2018, p. 22). Isto é, em termos numéricos, há problemas em sustentar o indutivismo que está na base dos *tipos ideais* das frações da classe média brasileira. Não é possível, portanto, quantificar as frações de classe elaboradas por Souza. Falta ao trabalho uma proposição multidimensional, complexa e fundada empiricamente para analisar as classes médias.

Souza apresenta uma explicação estruturalista sobre a herança de classe e sua generalização que termina sendo um obstáculo teórico para que o sociólogo possa analisar a

⁷ Adalberto Cardoso e Edmond Prêteceille (2017) fazem uma importante análise sobre as classes médias brasileiras a partir das categorias socioprofissionais que os permitem fazer uma comparação bastante consistente entre as classes médias brasileira e francesa. É no sentido trabalhado pelos autores que acredito que as formulações de Souza poderiam oferecer um retrato consistente.

realidade empírica, complexa e plural. O sociólogo também reduz os dilemas desta classe à dominação cultural ou simbólica, exercida pela elite de proprietários, que, efetivamente, nunca é apresentada. Também é importante registrar o caráter reducionista das ciências sociais brasileiras na caracterização presente no livro, pois são resumidas à tradição culturalista de Sérgio Buarque de Holanda, Raymundo Faoro e Roberto DaMatta.

Do ponto de vista de uma sociologia à escala individual, portanto, o texto não apresenta uma exposição rigorosa, plural e disposicional⁸ que pudesse fornecer condições de sustentar as tipologias apresentadas, uma vez que as entrevistas tiveram um caráter descritivo e baseado apenas nos posicionamentos políticos e ideológicos dos entrevistados. Com tudo isso, o espelho criado por Souza deixa em aberto a construção de uma caracterização consistente em termos teóricos, históricos e empíricos da gênese da classe média e de sua reprodução no tempo, bem como de seus desdobramentos políticos.

Referências bibliográficas

ALBUQUERQUE, José Augusto G. (coord.). 1977. *Classes médias e política no Brasil*. São Paulo, Paz e Terra.

BONELLI, Maria da G. 1989. *A classe média, do "Milagre" à Recessão: Mobilidade social, Expectativas e Identidade Coletiva*. São Paulo, IDESP.

CARDOSO, Adalberto e PRÉTECEILLE, Edmond. 2017. *Classes médias no Brasil: Do que se trata? Qual seu tamanho? Como vem mudando*. Rio de Janeiro, *Dados-Revista de Ciências Sociais*, vol.60, (4): 977-1023.

LAHIRE, Bernard. 2005. *Patrimônios individuais e disposições: para uma sociologia à escala individual*. *Sociologia, Problemas e Práticas*, (49): 11-42.

NERI, Marcelo. 2008. *A nova classe média*. Rio de Janeiro, FGV. Disponível em http://www.cps.fgv.br/ibrecs/M3/M3_textofinal.pdf. Acessado em dezembro de 2019.

MACIEL, Fabrício. 2013. *Ulrich Beck e a crítica ao nacionalismo metodológico*. *Política e Sociedade*, Vol.12, (25): 85-97.

POCHMANN, Marcio. 2012. *Nova classe média? O trabalho na pirâmide social*. São Paulo, Boitempo.

SALATA, André R. 2016. *A classe média brasileira: posição social e identidade de classe*. Rio de Janeiro, Faperj/Letra Capital, e-pub.

⁸ Neste ponto, estou me referindo à *Sociologia à escala individual*. Cf. Bernard Lahire (2005), que propõe a formulação de uma análise baseada na relação entre disposições incorporadas e contextos de ação. Para tanto, são levados em consideração vários quadros analíticos, como família, escola, trabalho, religião. A partir de uma perspectiva individual, plural e empiricamente fundada, seria possível analisar a realidade social e construir uma consistente explicação sociológica.

SCALON, Maria Celi; SALATA, André. 2012. Uma nova classe média no Brasil na última década? O debate a partir da perspectiva sociológica. *Sociedade & Estado*, 27, (2):387-407.

SOUZA, Jessé. 2000. A modernização seletiva: uma reinterpretação do dilema brasileiro. Brasília: UnB.

SOUZA, Jessé. 2006. A construção social da subcidadania: para uma sociologia política da modernidade periférica. 2ª ed, *Belo Horizonte*: UFMG

SOUZA, Jessé. 2009. A ralé brasileira. Quem é e como vive. Belo Horizonte, Editora UFMG, 2009.

SOUZA, Jessé. 2010. Os batalhadores brasileiros. Nova classe média ou nova classe trabalhadora? Belo Horizonte, Editora UFMG.

SOUZA, Jessé. 2015. A tolice da inteligência brasileira ou como o país se deixa manipular pela elite. São Paulo: LeYa.

SOUZA, Jessé. 2017. A elite do atraso: da escravidão à Lava Jato. São Paulo, LeYa

SOUZA, Jessé. 2018. A classe média no espelho. Sua história, seus sonhos e ilusões, sua realidade. São Paulo, Estação Brasil.